



## **Polônia judaica e Brasil: Segunda Guerra Mundial, antissemitismo, Justos entre as Nações**

**Israel Blajberg\***

Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) | Rio de Janeiro, Brasil  
ibljberg@poli.ufrj.br

### **1 Inauguração do Museu da Família Ulma na cidade de Markowa: poloneses que salvaram judeus durante a Segunda Guerra Mundial**

Em 2016, ocorreu a inauguração de um museu destinado a recordar os bravos heróis poloneses Jozef e Wiktoria Ulma e seus filhos, na cidade de Marlowa, Polônia.

Wiktoria estava grávida e o casal tinha seis crianças, Stanislaw, Barbara, Wladyslawa, Franciszka, Maria e Antoni, entre 1 e 8 anos. Todos pagaram com a própria vida por ter abrigado em seu sítio 8 pessoas de uma família judaica. 16 vítimas inocentes foram assassinadas a sangue frio, perecendo pelo Santificado Nome. Descansam em Paz, nos Jardins do Éden.

Nos tempos atuais, quando um judeu é esfaqueado pelas costas por alguém que vocifera *Alah Akbar*, expressão hedionda do terror muçulmano, a iniciativa polonesa de inaugurar o Museu de Markowa, em pequena cidade do interior, se revela altamente positiva.

Ainda que a nova legislação seja restritiva e mesmo o aumento de casos de antissemitismo se intensifiquem recentemente, uma nova geração se interessa pelo passado judaico, publicando livros, escrevendo blogs, pesquisando antigas sinagogas, cemitérios e casas judaicas, revisitando a história dos nossos antepassados, as nossas raízes milenares, que nos é tão cara.

Há pouco tempo, na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, Krzysztof Warlikowki, maior ícone do teatro contemporâneo da Polônia, abordou a época da ocupação nazista, algo que ficou obscuro durante 50 anos de regime comunista, o fantasma problemático que agora a Polônia procura enfrentar, a impotência, o desespero diante do horror do Holocausto, um desfile de vítimas e de assassinos, um debate histórico misto de teatro, concerto e cinema, encerrado com (A)pollonia, assassinada por ter escondido judeus em sua casa.

Enfim, a inauguração do museu em Markowa é mais um passo, mais uma etapa vencida no cuidadoso processo, complexo, mas necessário, por vezes difícil, até doloroso, da

---

\* Professor da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



construção e fortalecimento das relações entre a Polônia, os judeus, e seus descendentes, algo tão importante para todos nós.

Escrever sobre tudo isso, logo, traz à mente alguém que não se encontra mais entre nós, o dedicado lutador social da memória do holocausto, o saudoso Alekander Henryk Laks.

Durante anos e anos, ele descreveu com voz própria e com suas próprias palavras o sentimento de gratidão do povo judeu para com os Justos entre as Nações, aqueles que desafiaram as forças do Mal e venceram, ainda que nem todos pudessem ter sobrevivido.

Entretanto, o tempo não para, a cada dia menos testemunhas oculares existirão, daquele período de barbárie que se convencionou denominar de Holocausto.

É, pois, necessário que cada um de nós esteja preparado para incorporar-se aos múltiplos elos da corrente de ouro que interliga as gerações, recebendo a bandeira de luta que os últimos sobreviventes do holocausto nos entregam, honrando assim o mandamento que a Bíblia nos ensina: *Zachor* – Recordar.

De certa forma, cada judeu que habita este planeta é, também, um sobrevivente – a prova viva de que os inimigos de Israel não prosperaram

## **2 A tragédia da Shoah**

A maior guerra assimétrica da história aconteceu há 70 anos, entre os judeus da Europa e a Alemanha Nazista, com todo seu poderio, contra civis judeus desarmados, incluindo idosos, mulheres, crianças, até recém-nascidos. Sem nenhuma defesa nem ajuda, ainda assim, eles tentaram resistir.

Apesar de 6 milhões de baixas, essa guerra foi vencida pelo povo judeu. Enquanto o pretense III Reich que deveria durar 1000 anos desapareceu encoberto pela pátina do tempo, o povo de Israel continua sua caminhada de quase 6 mil anos, e venceu, a um alto custo em vidas humanas – podemos levantar bem alto essa bandeira: Estamos aqui!

Depois de tanto sofrimento, Alemanha e Itália são nações amigas, mas tudo isso nunca será esquecido, para que aquele passado terrível jamais se repita.

Há alguns anos, arqueólogos descobriram em Jerusalém fragmentos das muralhas do aquartelamento da então poderosa Décima Legião Romana, enviada pelos Césares para invadir a Terra Santa. E onde está a famosa Decima Legião, com seus guerreiros, lanças, espadas e catapultas? Desapareceu para sempre há quase 20 séculos. Nada restou, além de pedaços de pedra enterrados na Jerusalém de Ouro, capital do moderno Estado de Israel, iluminado pela luz da Torá.



Hitler também tentou destruir os seguidores da Lei de Moisés. De acordo com nossos sábios, ele foi a encarnação de Amalek, assim como Haman da Pérsia. Todos desapareceram, sem conseguir abalar a Eternidade de Israel.

Mas, antes de serem reduzidos a pó, nos buracos negros dos desvãos da História Universal, muito sofrimento infligiram a tantos povos, mormente aos judeus, alvo gratuito de uma ideologia equivocada. Os nazistas se reuniram na Conferência de Wansee, onde planejaram a Solução Final que objetivava erradicar, com o apoio dos seus infames colaboradores, 11 milhões de inocentes, os herdeiros espirituais dos hebreus, aprisionados na Europa ocupada, um crime hediondo que eles nomeavam de “Problema Judeu”.

No início em caminhões fechados, depois fuzilamentos, mas era muito lento, a munição cara, então o gênio germânico macabro engendrou um processo industrial de transporte para as câmaras de gás com o Zyklon B, e a disposição final nos fornos crematórios, como se fosse um matadouro.

Um crime imperdoável e imprescritível, que desafia a compreensão humana e que para todo o sempre será lembrado como um extremo a que a humanidade pode chegar, e que atingiu também o nosso amado Brasil, vitimando 2 mil de nossos patrícios.

### **3 O Brasil na Guerra**

Há quase 80 anos, no distante agosto de 1942, a Alemanha Nazista quis dar uma lição ao nosso país, pacífico e ainda rural, povo hospitaleiro, que acolhia a todos sem restrições, inclusive os próprios imigrantes alemães.

O Brasil foi brutalmente atacado pela mais poderosa potência militar da época, utilizando a ultramoderna arma submarina, contra a qual não tínhamos defesa. Em apenas uma semana, 6 navios mercantes nacionais desarmados foram torpedeados pelo U-507, com a perda de 600 preciosas vidas brasileiras. As forças do mal haviam chegado as nossas praias, mas haveriam de ser derrotadas pela vontade nacional dos brasileiros.

O povo nas ruas exigiu que o Governo desse uma resposta a brutal agressão. E assim foi feito. O Brasil realizou uma façanha que mesmo hoje seria impressionante, enviando para o outro lado do oceano 25 mil soldados, 75 enfermeiras, e o Senta-a-Pua 1º. Grupo de Aviação de Caça, com a Marinha defendendo nosso litoral.

A Força Expedicionária Brasileira era o microcosmo da nossa sociedade, desde o gaúcho dos pampas ao nordestino da caatinga, do mineiro das alterosas ao caboclo da Amazônia, filhos de brasileiros, poloneses, judeus, até de alemães, italianos e japoneses, soldados-cidadãos, que deixaram na neve branca dos Apeninos o sangue brasileiro que ajudou a libertar a Itália do nazifascismo, e ajudou a parar o Holocausto, em 8 de maio



de 1945, Dia da Vitória na Europa, sobre o pretenso III Reich milenar que durou 11 anos de barbárie.

## 4 A Polônia na Guerra

A nação polonesa foi a primeira a ser atacada, à traição, como aconteceu com os navios brasileiros, agressão brutal e de surpresa, em 1º. de setembro de 1939. A Polônia resistiu bravamente, pátria que deu ao mundo Frederic Chopin, Maria Sklodowska Curie, agraciada com 2 Prêmios Nobel, pelo Polonium e pelo Radium, Nikolau Kopérnik, Adam Mickiewicz, Zamenhoff e Karol Wojtyla, país sofrido, de historia repleta de lutas.

Os poloneses escreveram páginas gloriosas, seja na epopeia de Monte Cassino, abrindo o caminho para a Cidade Eterna Roma, seja no Levante de Varsóvia, e tantas outras batalhas, onde combateram com o mesmo heroísmo e valor demonstrado no Milagre do Vístula.

Nação da Águia Branca em campo rubro, estabelecida no ano 966, honrando a letra do seu hino: *Jeszcze Polska nie zginela*, a Polônia não pereceu.

Gloriosas e antigas são as caras tradições da Polônia, desprovida de defesas naturais, a lutar durante toda história pela liberdade ameaçada por vizinhos poderosos.

Desde a vitória dos Hussardos Alados, na Batalha de Viena contra os turcos, da vitória em Grunwald sobre os Cavaleiros Teutônicos, da expulsão dos suecos até os soldados camponeses de Kocziusko nas lutas contra a Rússia dos Czares, a Prússia, a Áustria, chegando a final à Polônia Restituta e a vitória sobre o Nazismo e o Bolchevismo ateu.

Nação que enfrentou sozinha Hitler e Stalin. Abandonada, invadida primeiro pelas divisões nazistas e milhares de aviões, e depois pelos exércitos comunistas.

Os poloneses resistiram, formaram o exército do Gen Anders, a *Armia Krajowa*, incorporaram-se aos exércitos aliados. Estiveram presentes na epopeia de Tobruk, na Tomada de El-Gazala. Pilotos poloneses se juntaram aos milhares com a RAF na Batalha da Inglaterra. 200 mil judeus poloneses lutaram contra os nazistas, nos diversos exércitos poloneses em solo nacional ou no exílio, sem contar os partisans e guerrilheiros.

Soldados judeus estiveram ombro a ombro com os que defenderam a Polônia em setembro de 1939 contra a Alemanha, em 1940 na França, na Palestina, Síria, Pérsia, Iraque, Norte da África e Itália. Desembarcaram na Normandia com a RAF e a Marinha Britânica.

Os judeus lutaram em todos os Exércitos Aliados, na resistência polonesa, russa e francesa. Formavam cerca de 10% da população polonesa às vésperas da Segunda



Grande Guerra Mundial, a maior minoria, o maior centro mundial da cultura e da religião judaica.

A contribuição militar dos judeus poloneses foi de grande alcance, mas a bibliografia histórica oficial apenas mais recentemente tem feito justiça aos fatos, que ficaram recobertos por um manto de silêncio durante o regime comunista.

Seu heroísmo e valor foi justamente reconhecido em Israel, onde quem visita o Cemitério Militar do Monte Herzl em Jerusalém, vai se deparar com um belíssimo Memorial aos Soldados Poloneses Judeus.

### **5 Quem são os Justos entre as Nações**

Ao recordar toda essa história de luta, sofrimento e glória, renovamos nosso compromisso do Dever de Memória para com aqueles que foram Justos. Essa tarefa se faz ainda mais sublime porque não vamos falar de judeus.

Não, vamos falar essencialmente daqueles que, sem serem judeus, se recusaram a olhar para o outro lado. Aqueles que tiveram o mérito em suas vidas, de honrar o preceito do Talmud: Quem salva uma vida, salva toda a Humanidade!

Na noite negra que se abateu sobre a Europa em chamas, onde uma vida humana poderia valer um mísero quilo de açúcar, pago pelos perpetradores nazistas a seus colaboradores, um grupo de quase 25 mil homens e mulheres se destacou.

Eles poderiam ter sido apenas mais alguém entre os milhões e milhões de simples espectadores, a quem a dor do seu semelhante pouco significava, poderiam alegar que não viram nada, não sabiam de nada, poderiam simplesmente se omitir, como tantos o fizeram. Ou pior, poderiam colaborar com o inimigo, traindo seus concidadãos, para auferir vantagens pessoais.

As 25 mil almas bondosas ocupam um lugar especial nos corações judaicos, designados *Hasidei Umot haOlam*, ou seja, Justos entre as Nações, os que foram sensíveis ao sofrimento alheio, salvando vidas sem receber nada em troca, assim como Batya, a filha do faraó, que desobedeceu as ordens para salvar Moisés.

O Yad Vashem, instituto de Jerusalém que preserva a memória do Holocausto, plantou em meio as colinas da Cidade Santa, o Bosque dos Justos, onde cada árvore representa uma significativa homenagem à memória daqueles bravos,

Percorrendo suas aleias, veremos que predominam os nomes poloneses, cerca de 6.620 dentre os 26.119, ou seja 25%, ou seja, foi a Polônia a nação onde se revelou a maior quantidade de Justos



Talvez o mais conhecido deles seja o alemão Oskar Schindler, que o cinema imortalizou no épico filme de Steven Spielberg, *A Lista de Schindler*, lançado em 1993. Ele foi sepultado em Jerusalém, onde seu túmulo está sempre totalmente recoberto de flores.

Entre outros nomes mais conhecidos, temos o diplomata sueco Raoul Wallenberg, desaparecido misteriosamente em janeiro de 1945. Servindo em Budapeste, ele salvou dezenas de milhares de judeus húngaros. Também o cônsul Chiune Sugihara salvou milhares de judeus, emitindo vistos japoneses em Kovno, Lituânia, assim como Aristides de Souza Mendes, cônsul português em Bordeaux, França, que salvou milhares de judeus emitindo vistos e passaportes. Demitido do Serviço Público, ele morreu na pobreza em 1954, deixando 12 filhos.

## 6 Os Justos poloneses

Entre os poloneses, cabe destacar uma mulher de extraordinária coragem, Irena Sendler, de abençoada memória, que chefiou a seção infantil da Zegota, o Conselho de Ajuda aos Judeus. Ela tirava crianças judias de dentro do Gueto de Varsóvia, e as escondia com famílias católicas pela cidade. Irena foi presa pela Gestapo e torturada na infame prisão de Pawiak.

No dia previsto para a execução, a resistência conseguiu libertá-la, subornando os guardas. Irena ajudou a salvar 2.500 crianças judias. Ela morreu recentemente em Varsóvia com mais de 90 anos.

Jan Karski foi outro grande nome, o primeiro a denunciar o Holocausto, o emissário que tentou avisar os Aliados sobre o que acontecia em Auschwitz. Entrou e saiu duas vezes do Gueto de Varsóvia.

Jersy Radwanek, piloto da Força Aérea Polonesa, capturado pela Gestapo, esteve em Auschwitz durante toda a guerra. Era trabalhador escravo e, como eletricista, conseguia entrar nos galpões levando remédios e alimento para os prisioneiros que sofriam.

Jersy Bielecki, prisioneiro político em Auschwitz, fugiu disfarçado de guarda SS com a namorada judia Cyla Cibulska. Os 2 se salvaram.

Helena Blaszczyk teve a casa expropriada para alojar um oficial alemão, mas mesmo assim manteve 4 judeus escondidos em um cômodo falso, durante 3 anos.

Maianna Kopyt criou uma menina judia de 2 anos como se fosse sua filha, escondendo o pai em sua casa. Em 1950, pai e filha imigraram para Israel.

Eugenia Wasowska (Irmã Alfonsja), uma freira, diretora de um orfanato católico em Przemyśl. Ela escondeu 13 crianças judias, sem dar conhecimento aos superiores diocesanos. Ao final da guerra, devolveu as crianças para a comunidade judaica, onde



apenas 300 pessoas se salvaram. Em 1950, ela abandonou o hábito e mudou-se para a Austrália. Em 1980, visitou Israel onde reencontrou 8 das 13 crianças que salvou.

Família Bilecki salvou 23 judeus escondidos na floresta, levando grandes quantidades de água e alimentos escassos, obtidos com dificuldade durante 3 anos.

Leokadia Kawalec escondeu 2 famílias judaicas no estábulo, ligado a sua casa por uma passagem secreta, em Tarnobrzeg

Ewelyna Lipko-Lipczynska, escondeu 40 judeus em Ostrowiec, com seu pai Jan Szimanski. Eles editavam, também, jornais clandestinos

Esses são apenas alguns poucos dos mais de 6 mil Justos poloneses, cujas histórias comoventes de coragem e de sacrifício ficarão eternamente gravadas em letras de fogo na História Judaica.

## **7 Polônia católica**

A Polônia é conhecida como grande país católico, onde como ocorre no Brasil, boa parte da população é formada por devotos da Virgem Maria.

Assim, como Nossa Senhora de Aparecida, Padroeira do Brasil, a Virgem Negra de Czestochowa, do Mosteiro de Jasna Gora, protege e reina espiritualmente sobre os poloneses.

As portas da Polônia liberal e tolerante se abriram há quase mil anos aos judeus perseguidos na Península Ibérica e na Alemanha.

Graças ao Rei Kaziemirsz, o Grande, mentor do Estatuto de Wislica, os judeus tiveram garantida liberdade religiosa e comercial. Ele foi um Justo, vivendo com sua amada Rainha Esther na Cracóvia, Atenas da Polônia, onde fundou uma universidade, hoje a mais antiga do mundo.

Tamanha herança milenar, de história e de religiosidade católica foi honrada por quase 7 mil poloneses, que se destacaram entre seus compatriotas, sem se importar com as consequências. Foram eles, os Justos, que dentre todos os poloneses, melhor interpretaram as palavras de Jesus Cristo aos discípulos: “Este é o meu mandamento: “amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei”, são as palavras do grande ensinamento daquele rabino da Galileia, que nasceu judeu e morreu judeu, tendo sido circuncidado ao 8º. Dia e seu corpo, após a morte, foi lavado conforme o ritual e envolvido na mortalha do Santo Sudário, sobre a pedra mármore que hoje se encontra a entrada do Santo Sepulcro em Jerusalém.

O tempo passou, 20 séculos escoaram pela ampulheta da história, até que um polonês veio a receber o Anel do Pescador.



Nos anos terríveis do Holocausto, há mais de 70 anos, aqueles 7 mil justos mal poderiam imaginar, mas chegaria o dia em que um compatriota, nascido em Wadowice, perto da Cracóvia, seria sagrado Jan Pawel II.

Karol Josef Wojtila também foi justo, amigo dos judeus, o primeiro Papa a adentrar uma sinagoga, o primeiro a visitar Auschwitz, estabeleceu relações diplomáticas entre a Santa Sé e o Estado de Israel, visitou o Yad vaShem, e no Kotel haMaaravi, a Muralha Ocidental do Templo de Salomão, cumprindo a tradição, em um gesto comovente colocou numa fresta um papelzinho, onde pediu perdão pelas perseguições contra os judeus, que disse serem os irmãos mais velhos.

Naquele momento, Karol Wojtila redimiu as almas judaicas, que ao Jardim do Éden se elevaram sofredoras, clamando pela Justiça Divina sobre a indiferença, a hostilidade, os crimes praticados em nome da intolerância, desde a Inquisição até Kielce, da Aelia Capitolina até Jedwabne.

Não poderia existir mais sublime demonstração de amor, do que salvar a vida de um semelhante, arriscando a própria. Pois essa é a condição *sine qua non* para ser declarado um Justo: além de não ser judeu, ter arriscado a própria vida, nada tendo recebido em troca, enfrentando o risco da punição suprema – a morte imediata para todos que residissem na sua casa.

## 8 Os Justos brasileiros

Dois brasileiros também foram nomeados Justos entre as Nações. Assim, podemos, com muito orgulho, reverenciar as memórias de Aracy Guimarães Rosa, o Anjo de Hamburgo, e do eminente Embaixador Souza Dantas.

As portas se fechavam cada vez mais. Na noite negra do Holocausto, Getúlio Vargas cedeu às exigências antisemitas que o cercavam. Esta terra abençoada, lamentavelmente, foi maculada pelas ignominiosas circulares secretas do Itamaraty.

Felizmente, a índole humanista do brasileiro prevaleceu. Muitos judeus foram admitidos, contrariando as restrições. Até amigos pessoais de Vargas, como o Coronel Aristarcho Pessoa, comandante do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, de 1930 a 1945, facilitou a entrada de judeus em perigo.

Aracy Guimarães Rosa e Souza Dantas não se omitiram diante do sofrimento alheio, concedendo os vistos salvadores para escapar do inferno nazista. Quantos vistos foram concedidos somente o Eterno sabe. Porque eles jamais divulgaram seus atos. Mas foram as centenas, milhares.

Aracy morreu aos 102 anos, já esquecida de tudo que fez. O Embaixador, compulsoriamente afastado, recebeu uma censura pelo descumprimento das ordens





secretas. Que lhes importava? Valiam mais as suas convicções, que os eternizaram na história universal.

Seus nomes em letras gravadas a fogo estão perpetuados no Jardim dos Justos, entre os 25 mil que se recusaram a ser simples espectadores do assassinato em massa de um povo. Uma árvore foi plantada em sua homenagem no Bosque dos Justos, sobre a colina da Cidade Santa onde se ergue o Yad Vashem.

### **Conclusão**

O mundo em que vivemos precisa cada vez mais de Justos. Em 1943, na foto que se tornou emblemática e símbolo de uma era, um menino de 10 anos presumíveis levanta as mãos para o alto sob a mira de um fuzil, diante de um bárbaro. Sim, pois o nazista que aponta a arma para uma criança não merece ser chamado de Soldado.

1 milhão e meio de crianças inocentes foram assassinadas pelo “crime” de serem judias. Teria a opinião pública se sensibilizado? O mundo se comoveu?

No ano passado, a fotografia do corpo de um bebê de 2 anos afogado na praia turca também se tornou simbólica, como a do menino judeu. Mas dessa vez, a humanidade parou para pensar no drama dos refugiados sírios. A triste imagem da criancinha síria sem vida na areia da praia traz uma mensagem de alerta, especialmente aos judeus e àqueles que se identificam com suas justas aspirações nacionais.

Hoje, as ameaças são atômicas, em meio a uma campanha universal perversa para deslegitimar o sublime movimento de salvação nacional pensado por Theodor Herzl – o Sionismo.

A mensagem por trás da soturna imagem do infeliz bebê é muito significativa para a realidade política que temos hoje: lamentavelmente, nada mudou para os judeus.

Da Pérsia distante, onde um dia reinou um soberano bondoso para os judeus, sopram os ventos do ódio. O discurso sectário e belicista dos aiatolás, Mundo sem Sionismo – O Fim de Israel, embora repulsivo tem valor didático, alertando para as proféticas palavras bíblicas: “[...] teremos uma guerra com Amalec em todas as gerações. Lembra do que te fez Amalec.”

Está na Torá (Lei de Moisés): “[...] extinguirei totalmente a lembrança de Amalec debaixo dos céus”, o que se cumpriu no tempo de Assuero, quando Haman e seus dez filhos foram enforcados.

As ameaças de hoje são mais terríveis que o próprio Holocausto, vindas dos aiatolás e dos terroristas fundamentalistas. Entretanto, enquanto houver Justos sobre a face da Terra, a luta continuará. Sejam mísseis, tuneis, facas! Israel vencerá!



Nossos nomes se repetem, recordando os avós, em muitos casos que jamais conhecemos, pois junto a tios, primos, alguns ainda crianças, pereceram como mártires pelo Santificado Nome do Senhor, em campos de extermínio.

Muitos Justos jamais terão seus nomes nas árvores do bosque de Jerusalém, nem em museus como o que foi inaugurado em Markowa. Heróis quase anônimos, certamente muitos outros Justos não puderam ser reconhecidos. Mas não importa. O Eterno sabe seus nomes.

Reza antiga lenda hassídica dos Lamed-Vav que sempre existem 36 Justos sobre a face da Terra. São os *Tzadikim Nistarim*. Ninguém, nem eles mesmos sabem que são Justos, sequer se conhecem.

São os 36 pilares secretos do universo. É por eles que o Eterno permite que a existência da Humanidade. Sem perceber, são nossos salvadores. Sem eles, a Terra seria destruída, assim como Sodoma e Gomorra, porque Abraão não conseguiu indicar ao Todo-Poderoso nem ao menos 10 justos – o fogo e o enxofre desceram dos céus para acabar com os pecadores.

Os 36 Justos são puros, humildes, anônimos. Com seus poderes místicos, evitam que o mal aconteça à sua volta. Qualquer pessoa pode ser um deles, seja uma dona de casa, um piloto, uma freira, uma menina corajosa, um casal com 6 crianças, em qualquer lugar do mundo e, certamente, na Polônia...

## Referências

SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina: histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

POLONSKY, Antony. *The Eagle Unbowed: Poland and the Poles in the Second World War*.

ZIMMERMAN, Joshua, BLOBAUM, Robert. *The Polish Underground and the Jews, 1939-1945*.

-----

Recebido em: 20/09/2019.

Aprovado em: 20/10/2019.